

Vivo no Averso do Mundo – Por José Paulo Santos

written by José Paulo Santos | 28 de Agosto, 2025

OCIDADÃO
Journalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos





Foto de ANDREA YULETH. Direitos Reservados

Há um lugar onde a luz entra de lado, onde as sombras são mais nítidas do que os corpos que as projetam. É ali que vivo: no avesso do mundo. Não é um exílio voluntário, nem um delírio poético. É uma constatação. O mundo, como o conhecemos, não é o mundo. É um teatro em ruínas, onde os atores se recusam a admitir que o espetáculo acabou – e que, na verdade, nunca começou.

O amor, por exemplo, deveria ser o vértice da nossa dignidade. O ponto onde o ser humano transcende a animalidade, onde a empatia vence o instinto, onde o outro não é objeto, mas espelho. Mas o que vejo? Amor como conveniência, como troca, como máscara de posse. O amor que se declara nas redes sociais, com frases copiadas de filmes, com citações de poetas e filósofos que ninguém leu e olhares ensaiados para a câmara. O amor que se mede em likes, em tempo de resposta, em prova de exclusividade. O amor como performance. O amor como mentira bem vestida.

E por trás disso tudo, a hipocrisia. A grande engrenagem silenciosa da falsidade. Hipocrisia de quem prega o perdão e exige a vingança. De quem fala de paz e alimenta o ódio. De quem diz amar a humanidade mas despreza o vizinho. A hipocrisia não é um defeito moral – é o sistema operativo da civilização. Vivemos em sociedades que premeiam o fingimento. O sucesso não é do mais verdadeiro, mas do mais convincente. Do mais adaptável à mentira coletiva.

As máscaras, então, não são acidente. São necessidade. Usamo-las não para esconder o que somos, mas para sobreviver ao que o mundo exige que sejamos. O executivo que sorri no escritório e chora no carro. A mãe que finge paciência e sente rancor. O amigo que diz “tudo bem” quando tudo está a desmoronar-se. Máscaras não são sinais de fraqueza – são armaduras de guerra num campo onde a sinceridade é suicídio.

Fingimos ser felizes. Fingimos ser fortes. Fingimos acreditar. E com o tempo, o fingimento torna-se mais real do que a verdade. A mentira, quando coletiva, deixa de ser mentira. Torna-se realidade. A falsidade, quando institucionalizada, passa por virtude. O político que mente descaradamente é reeleito. O influenciador que vive à custa de marcas e patrocínios vende ilusão e é idolatrado. O sábio que duvida é silenciado.

É aqui que a filosofia rasga bem fundo, como um bisturi no tecido gangrenado da alma moderna. Nietzsche já nos alertava: **“Deus está morto”**, mas o homem continua a rezar. E não apenas reza – criou novos deuses: o consumo, a imagem, a efemeridade, a ignorância. Continuamos a ajoelhar-nos, mas agora diante de ecrãs e algoritmos. A evolução técnica avançou, mas a condição humana estagna. O ser humano de hoje, com o seu smartphone e o seu discurso de direitos, é tão mesquinho, tão violento, tão incapaz de amor autêntico como o homem das cavernas. A única diferença é que agora temos mais meios para nos destruir – e mais sofisticação para disfarçar.

A autodestruição não é um destino, é uma escolha repetida. Escolhemos o ódio em vez do diálogo. A competição em vez da cooperação. O ter em vez do ser. A aparência em vez da essência. E tudo isso é alimentado por uma crença tóxica: que o outro é inimigo. Que o amor é risco. Que a verdade é inconveniente. O medo é perigoso.

Viver no avesso do mundo é perceber que o normal é patológico. Que o que chamam de ordem é um caos disfarçado. Que o que chamam de amor é posse, que o que chamam de verdade é conveniência. É entender que a humanidade, por mais que avance em tecnologia, retrocede em humanidade.

Mas há um fio de esperança no meio do deserto. Ele não está na mudança coletiva – esta parece cada vez mais ilusória. Está no indivíduo raro e único que ousa tirar a máscara. No gesto pequeno de verdade. Naquele que ama sem exigir, que fala sem medo, que duvida sem cinismo. A revolução não será política, será existencial. Será de quem decide, mesmo no avesso, viver do lado de dentro.

Como diria Simone Weil, filósofa e escritora francesa, talvez a verdadeira revolução não esteja na conquista do mundo, mas na submissão voluntária à verdade – na coragem de olhar a realidade sem máscara, de amar sem possessão, de existir com atenção e consciência plena. A salvação não vem da multidão em marcha, mas do indivíduo que, no silêncio, decide habitar o lado de dentro.

Tal como Weil, valorizo o gesto pequeno, o silêncio, a resistência interior – como formas de revolução ética. A sua crítica ao poder, à opressão e à ilusão coletiva é profunda, mas a sua esperança reside no indivíduo que, mesmo no sofrimento, escolhe a verdade, o amor sem possessão e a obediência ao bem superior. Ela mesma viveu isso: recusou privilégios, trabalhou em fábricas, jejuou em solidariedade aos oprimidos.

Talvez o avesso seja, afinal, o único lugar de onde se pode ver a verdade: de trás, por baixo, pelo contrário. De onde se percebe que o mundo não precisa de mais máscaras – precisa de rostos. De carne. De cicatrizes. De amor que não se cala. De verdades que doem. De Homens e Mulheres que rompem este ciclo e despertam a consciência, lutando pela paz e pela verdade. E ainda acredito nessa nota de esperança ascética, quase mística, no gesto pequeno e verdadeiro.

Vivo no avesso do mundo.

E é daqui que vejo tudo.